

O LOULETANO

JORNAL PROGRESSISTA

ASSIGNATURAS—Por trimestre, paga adiantada, 500 réis; semestre, 900 réis; anno, 1800 réis; numero avulso 40 réis. Para fora de Loulé acresce o preço das estampilhas. Toda a correspondencia deve ser dirigida a Pablo Garcia Delgado, administrador d'este jornal, rua de S. Sebastião, 72 e 74, ou rua da Barbacem 10 e 12—Loulé.

PUBLICAÇÕES—No corpo do jornal, por linha 40 réis; annuncios, por linha de typo comum, 20 réis; annuncios permanentes, ajuste particular. Annuncia-se a qualquer publicação litteraria recebido de 2 exemplares. Os originaes enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

A' MEMORIA

DO INSIGNE MEDICO E ILLUSTRE JORNALISTA

DR. JACINTHO PARREIRA LANÇA

HOMENAGEM DOS SEUS AMIGOS

VERDADEIRAMENTE incommensuravel a dôr que nos opprime, se é que não é um desespero angustioso o que nos subjuga.

E' que no nosso coração dilacerado echôam ainda lugubrememente os ultimos e funéreos rumores da porta tumular que acaba de cerrar-se sobre o corpo inânime do mais idolatrado amigo.

E' que o côro unisono de mil lamentações sentidas e o deslisar copioso das amarissimas lagrimas que de tantissimos olhos vimos brotar, não lograram abafar, momentaneamente sequer, o estridor horrivel e desesperante d'essa porta que, fechando-se para sempre ao mundo, para sempre nos arrebatou á vista e á adoração a entidade preciosissima do medico, do homem e do amigo.

E com effeito, amigo desditoso, tres eram os campos em que as tuas sublimes qualidades se manifestaram, sem que contudo, nós saibamos dizer em qual d'elles foi mais fulgurante e benemerita a tua sympathica personalidade.

Ah! que se aos impulsos do nosso coração oppresso podessem providencialmente corresponder os dotes d'uma intelligencia bella, como nós não arrancaríamos aos bicos da nossa penna phrases que eloquentemente dissessem o que de doloroso nos vae na alma?!

Mas não, nada podemos. Se dispomos d'um coração que se eleva á altura de todas as dores para as sentir, e se sabe abrir a todos os sentimentos de gratidão e reconhecimento para os alimentar, a nossa intelligencia, pelo contrario, rasteja humildemente, e, em transe como este, outro allivio não encontramos que não seja o que se evola das lagrimas que deixamos corram abundantes.

* * *

Como medico, a tua sciencia vasta e fervorosamente cultivada egualava e abraçava a tua abnegação santamente exercida, e era pela prodigiosa força d'esse amplexo divino que tu restituiste a saúde e a vida a centenaes d'infelizes que, sedentos de viver, se abeiravam de ti.

Quem ha ali que, no aliás curto espaço de 5 annos, que tantos foram os que entre nós viveste, não atravessasse a durissima provação de sentir a alma trespassada pela angustia cruciante de ver debater-se no leito da dôr, ou um pae amantissimo que succumbesse, ou um filho estremecido que agonisasse?!

Pois se a todos esses, os que soffreram pelos males proprios e os que soffreram pelo que do soffrimento lhes vinha dos males que aos entes queridos affligia, se a todos, repetimos, fôrdes perguntar de que origem é a alegria que hoje fruem e a quem devem a ventura que hoje disfructam, elles responder-vos-hão, por entre lagrimas de gratidão e soluços de dôr:

—A Deus e... ao dr. Lança!

E assim é, porque momentos solemnes havia em que o ente bom que pranteamos parecia desprender-se das coisas terrenas para librar-se nas azas da sciencia e da bondade ás regiões superiores, onde só pairam anjos, e d'ahi diffundir-se em balsamos de luz e vi-

da para os que, condemnados a morrer, anteviam já, por entre os amargores do soffrimento, os negrumes do sepulchro e os horrores da morte.

Mas, oh! infeliz amigo, porque é que estancando tu tantas lagrimas e tantissimas vidas salvando com os inextinguíveis recur-

beste inalteravelmente saír nobre e estreme, dando-nos em tudo o exemplo e a grandiosa sensação do magestoso rochedo que, batido incessantemente pelas ondas potentes, se mantém contudo quêdo e activo, affrontando o como desafiando as iras d'um mar revolto que o não arrasta nem amedronta.

mente altruista de só prepararem o bem e o, ainda que ephemero, alivio e fugitiva consolação dos que soffrem.

E tu soffreste quanto humanamente se pode soffrer, não deixando nunca, porem, de manter perante os prenuncios horrorosos de uma morte certa e a quem a tua pericia de medico media os passos accelerados, a mesma incomparavel altivez e rarissima serenidade com que, no vigor da saúde, soubeste encarar de frente os males ainda os mais violentos.

Não te assaltou nunca só vez o desanimo, nem um só momento vacillaste ante o fim terrivel que se approximava.

Ao attentar na sombria tristesa que, impossivel de dissimular, se pintava no rosto desolado dos amigos, que o cercavam sempre, o dr. Lança não se deixava empolgar por esse desalento que tão natural seria em quem, como elle, aos 57 annos e senhor de uma das mais bellas posições sociais, se sentia resvalar para a sepultura, e desenhando, um bondoso sorriso, exclamava:

«Sou eu que soffro e os amigos quem se entristecem. Vá... não vale umas carias d'essas! a não ser que queiram ver o caso estranho de existir um morto com o encargo d'animar os vivos...»

E continuando neste tom tristemente factivo a que vinham pôr termo os arranços violentissimos d'uma tosse que o extenuava, elle esforçava-se heroicamente por inculir no animo já aniquilado, dos amigos queridos, essa dôse de coragem permittida só a espiritos da superioridade do seu.

Succumbiste, afinal, inolvidavel amigo. Nesta tarefa escabrosa que nos impuzemos, onde os teus exemplos d'energia e honbridade e sob a luz que irradiava do teu formoso talento nós achavamos o tempero para a lucta, continuaremos d'ora ávante sóz, é verdade, mas guiar-nos-hemos sempre, aqui lo juramos, pelo que n'esses exemplos havia de nobresa e cordura, d'utilidade e perseverança.

Não te esqueceremos, não, bondoso amigo, e conquanto as palavras que ali deixamos a enquadrar o teu retrato sejam repassadas da mais infunda saudade e dictadas pela sinceridade mais acrisolada, assim mesmo não são ellas, pobrissimas d'estylo e de eloquencia, taes como as desjeríamos para que, então, e por bem definirem toda a magnitude da nossa dôr, pudessem restar como homenagem condigna dos teus muitos merecimentos, como monumento perduravel da tua honradissima memoria.

Mas é impossivel Monumento condigno de ti, do teu altissimo valor, será unicamente aquelle que a Providencia, materializando em cure de finissimo qualate a saudade dos que te amavam, e crystallizando em avissimas perolas as lagrimas dos que te pranteiam. Ella fizer magnificamente erigir sobre um campo perfumado de vicosas flores,

A redacção,

Manuel Maria de Mattos,
José Brandão.



DR. JACINTHO PARREIRA LANÇA

sos da tua sciencia de mestre, porque não nos poupas-te a nós da prova crudelissima de vivermos sem ti, sem o teu amparo?! Porque não oppuzeste á força gigantesca d'um tão desapiedado destino a força, por igual gigantesca, da tua vontade sempre inquebrantavel e do teu saber tão vasto?!

Preferiste morrer! Sim, o ceu é dos bons e dos justos!

Como homem tinhas na serenidade do teu olhar e na doçura mysteriosa do teu rosto sempre grave e triste, o retrato fidelissimo d'esse conjunto de virtudes que te adornavam a alma e imprimiam ao teu caracter impolluto uma como rijesa de diamante, pois que se este é inatingivel a toda a acção destruidora do tempo e das coisas, o teu caracter foi como um grandioso diamante tambem, imutavel sempre ante os golpes rudes, e não raro brutaes e envenenados, que a mão traçoira d'uma politica má e deprimente successivamente ousou vibrar-te...

Mas... não vêm aqui as imprecações e devemos antes admirar como de todo esse revolver de ruins paixões, como de todo esse revoltar de coisas mesquinhas com que souberam amargar-te os ultimos tempos da tua existencia, tu, digno e generoso companheiro d'estas lides não sempre gratas, sou-

E morreu o dr. Jacintho Parreira Lança? Não, não morreu! Homens da estrutura moral do dr. Lança não morrem; desaparecem da nossa vista, do nosso convivio, mas o seu nome allisonante, e até a sua imagem fulgurosa, restarão eternamente desenhados na memoria e esculpidos no coração de todos os seus amigos e de todos os seus admiradores!

Amigos! Quem o foi mais sincero e mais dedicado!

E o nosso coração maguado gotteja ainda lagrimas de sangue ao recordarmos a sua perda, ao repararmos no nosso triste isolamento, irremediavelmente e para sempre privados da sua amizade protectora e sã, da luz do seu conselho e do ensinamento dos seus actos.

Amigos! Tambem, e reconhecidos, os tiveste capazes de todos os affectos, promptos a todos os sacrificios; grande foi o numero dos que jámais te desampararam o leito, dos que tanto bastava adivinharem-te os desejos para, carinhosos, te satisfazerem as vontades.

Ali, juntos de ti, onde até a doença terrivel e repulsiva que te prostrou punha perigos de que recear, ali mesmo te não fallaram nunca as dedicações sublimes que tudo esquecem e tudo desprezam no lito grande-

SIZIA, ha muito a medicina, que o mallogrado dr. Lança era um homem per lido, porque a doença, que o ferira, era das que ella não sabe debellar; pois apesar d'isso a noticia do seu passamento causou-me profundo espanto. Nutria ao menos a esperanza de que o valente luctador resistiria por mais tempo, e que só muito tarde, dobrando o joelho, se confessaria vencido.

Enganei-me infelizmente; esqueci-me de que elle não luctava, braço a braço, com um egual, e de que a sua poderosa individualidade defrontava com uma força contra a qual a vontade humana com toda a sua energia não passa de debil vime.

Em face d'essa força infinita todos se curvam e beijam o pó. Quando sopra rijo o vento da desgraça e se sente pesando sobre a nossa cabeça a mão da Providencia, a lucta é impossivel; adoramos a mão que nos fere e caímos para nos levantarmos e vivermos a vida da eternidade.

Elle, o caracter firme, a energia inquietante, a lealdade nunca desmentida, ao sentir pensar sobre si a mão de Deus, curvou-se resignado e caiu, como caem os bons, deixando o exemplo da sua vida para norma dos que não desejam ser miteis ou maus.

Um amigo que lhe era dedicado do fundo d'alma, disse-me ao saber da sua morte: «perdemos um leal amigo e a sociedade um prestante cidadão, um caracter digno, um homem de bem em todo o sentido».

E' em poucas palavras um elogio completo, e, o que poucas vezes succede, inteiramente verdadeiro.

Nada lhe falta; nas relações individuais exaltou-lhe a amizade sincera e desinteressada, que era capaz de ir até ao sacrificio; nas relações sociais reconheceu no illustre finado o seu elevado sentimento de altruismo, o seu apreciavel caracter e sobre tudo a sua qualidade de homem de bem, que é a synthese de todas as boas qualidades.

Era effectivamente um bom em toda a extensão da palavra. Na nossa sociedade, que se afunda, o que predomina é o individualismo egoista; cada um tracta de si, só acha bom o que lhe é útil e lhe aproveita, repelle com despeito e até com indignação tudo o que visa ao bem geral e declara, que tudo vai perdido, quando não se salta por cima de todos para se lhe satisfazer as suas exigencias caprichosas. E' uma lucta de naufragos. O primeiro, que lançou mão da taboia de salvagem, defende-a como propriedade sua, com medo egoista evita desesperado os que pedem o seu auxilio e vê-os com indifferença luctar e perecer.

Se o dr. Jacintho Parreira Lança desse á sua vida esta orientação, não teria succumbido aos 37 annos e relativamente pobre.

Se visse apenas a sua individualidade, se fosse indifferente a todas as desgraças, com que se aciava em contacto pela sua profissão, se transigisse com o que elle reputava irregularidade, se com a sua robusta intelligencia, estudando o meio em que vivia, se servisse dos outros como meio para si, se com o seu espirito finamente superior se fosse amoldando a todas as exigencias, que se traduzissem em socego proprio e fartos lucros, elle, o medico distincto, que sabia inspirar confiança até aos que lhe não dedicavam as suas sympathias, disfructaria hoje uma saúde robusta, passaria activo e tranquillo pela consciencia de sua segura posição e não viria muito distante o tempo, em que seria tido na conta de argentario.

E' uma verdade, que está na consciencia de todos. Pensou porem mais nos seus amigos do que em si; não o fez recuar a enormidade do sacrificio, cujo valer bem conhecia, entrou desassombrado na lucta, e caiu, como os antigos atletas, com o sorriso nos labios.

E' impossivel, que não visse, que a sua ideia não morrera com elle, e que não presentisse, que o seu exemplo ha de servir a outros, que o tomarão por norma.

E' esta a missão dos fortes e o dr. Lança era um d'elles. Fallando-me da sua morte disse-me já alguém, que o conheceu bem de perto na lucta e que lhe medio, como bom entendedor, a intensidade da sua energia: «Pobre Lança! O que é este mundo! Bem mereço a pena passar a vida em socego relativo e recolher em boa paz a bastidores ao dar-se por concluido o nosso papel n'este theatro das misérias humanas.»

Não; não deve ser assim; se a onda geral

é essa, ponha-se um dique á onda. O desalento é a morte.

Sigan os notos o exemplo, que lhes deixou o mallogrado extinto, e cremos, que o futuro da patria terá nas virtudes civicas de todos um baluarte seguro contra os reveses.

Para mim, que entrei já no ultimo quartel da vida, apenas me é dado vir depór uma saudade na ultima morada do meu extremo amigo e pedir ao seu filhinho, se um dia chegar a ler estas linhas, que seja o exemplo de seu pae e seja forte e bom como elle foi, «leal amigo, prestante cidadão, caracter digno e homem de bem em todo o sentido».

Faro.

JOSÉ LAPA.

FALTARIA ao mais sacratissimo dever de gratidão se n'este momento em que tantos são os que publicamente vêem render homenagem á memoria do chorado dr. Jacintho Parreira Lança, deixasse eu de manifestar os meus sentimentos pela perda que soffri d'um amigo tão querido e dedicado como o era o dr. Lança.

Amigo sincero e leal, caracter serio e digno, medico muito distincto, tudo isto são qualidades que n'elle se reuniam. Ora se todos que apreciam estes dotes e, só por isso, sentem o acontecimento como uma fatalidade, eu que sobre, tudo aquillo mantinha com elle a amizade mais constante e inalteravel, pois que desde o primeiro dia em que entrou em minha casa foi permanente o nosso convívio, como não deve ser intensa a minha dôr ao lembrar-me que para sempre perdi um tão dedicado amigo!

Choro e chorarei sempre a sua perda, no meu coração conservarei indelevel a sua saudosa memoria.

Loulé, abril—95.

MANUEL ROIZ CORREIA.

Sr. redactor do «Louletano»

PEDE-ME v. que escreva algumas linhas para o numero do seu jornal que vai ser publicado em homenagem á memoria do meu infeliz collega e amigo Parreira Lança. Não posso deixar de me associar a tudo que seja tendente a honrar a memoria d'esse pobre rapaz. E' um dever de consciencia que não deixarei de cumprir.

Debaixo de dois pontos de vista deve ser eucarada a robusta individualidade do nosso extinto amigo: Como jornalista e como medico. E não sei qual ponha no primeiro plano, se o vigor da sua penna audaciosa e brilhantissima, se a admiravel lucidez do seu espirito clinico, profundamente observador.

Como jornalista muitas vezes lamentei o facto de elle se não encontrar n'outro meio em que se lhe deparassem adversarios d'outra estatura, que offerecessem resistencia aos golpes que lhes vibrava com mão de mestre, de modo a fazel-o enthusiasmar na lucta. Se tal se tivesse dado deviam ser admiraveis as scintillações da sua penna nervosa e activa.

Como medico muitas vezes me foi dado reconhecer os dotes superiores do seu talento. Juntava á sua excepcional largueza de vistas, o mais perfeito rigor d'observação. Não era em demasia estudioso: mas sabia, como poucos, estudar os seus doentes e chegava em pouco tempo onde muitos não chegariam depois de longas horas de trabalho. Como collega era absolutamente impecavel a sua lealdade. E' como collega e como amigo que principalmente sinto a sua falta; e, a ponto, de que, apesar de ter com elle camaradagem de dezoito mezes apenas, é sempre com as lagrimas nos olhos que me occorre a sua lembrança.

Loulé, 19—95.

SILVESTRE FALCÃO.

Meus amigos.

O que hei de eu dizer-lhes da morte do dr. Lança, esse tristissimo acontecimento?

Desde que, em janeiro, o vi em Faro, e lhe reconheci os largos e irremediaveis estragos que a doença fizera n'elle, trouxe sempre comigo uma impressão profundamente dolorosa, que me levava a reflectir muitas vezes no que esse bom homem honrado perdeu sacrificando a sua mocidade, que foi a sua vida inteira, a uma lucta mesquinha, que muitos julgam in-

profiqua e ingloria. Circumscrevendo a sua actividade politica a uma arena estreita, toda ella constituída por pequenos pantanos infectos, encrusilhadas, veredas tortuosas, charneca de tojos, sem amplidão, sem horizonte, um homem de bem, como elle, não podia deixar de ter, em seguida aos impetos dos estereis combates, em que entrava, grandes desconsolos e um profundo enjôo pela guerra d'intrigas e ciladas que lhe faziam, pelas insolencias torpes com que pretendiam feril-o. E estes fundos desgostos não seriam de todo compensados pelas sinceras dedicações dos amigos, que elle sabia captar com as grandes qualidades de caracter, dos partidarios que elle arrastava com a finura e poder da sua intelligencia.

Eu convivi pouco com o morto que hoje venho prantear. Mas choro a sua perda como a d'um amigo. Porque a sua bondade, a sua probidade austera, a sinceridade das suas crenças, a audacia com que se empenhava nas luctas e a tenacidade com que se manteve sempre, todas estas boas qualidades que eu aprecio tanto, faziam com que tivesse por elle a estima que se dedica aos bons amigos.

Por isso venho hoje acompanhar os que choram a sua morte como uma grande perda para os doentes, por quem elle se desvellava, e para os amigos e collegas a quem encantava com a sua affabilidade e encorajava com o seu exemplo.

Portimão, 4.º—95.

ERNESTO CABRITA.

Ai! Que magoa, que infinal saudade assoberba o meu espirito!

Já não é do numero dos vivos o dr. Jacintho Parreira Lança, o amigo dedicado, o medico insigne e jornalista abalizado!

Na media da vida desapareceu para sempre. Muito havia ainda a esperar da sua intelligencia, do seu caracter honesto e da sua honrabilidade.

A sua morte enlutou os seus amigos e todos aquelles que sabiam avaliar e admirar os predicados que o ornavam.

Mas o cruel destino lançou na voragem da morte aquelle que prometia um longo porvir.

Descansa em paz bom amigo e lá nas mansões superiores verás que os que aqui deixaste não olvidarão a tua memoria. Adeus.

Loulé, abril—95.

Teu saudoso amigo,
Joaquim Pereira.

CHORA a perda de Jacintho Parreira Lança, amigo leal, caracter impolluto e de rija tempera e collega distincto, guardando, respeitadamente e cheio de saudades, a sua memoria, o seu velho amigo, collega e companheiro nas lides escolares.

VIRGILIO FRANCISCO RAMOS INGLEZ.

DIZ a ballada allemã, que os mortos andam depressa.

Se ella soubesse, com effeito, quão celere e vertiginosa se vai tornando, dia a dia, a jornada da vida!...

João de Deus, definindo-a, chamou-lhe o dia de hoje; e tão de hoje em verdade elle é, que affoutamente se pôde dizer, que hoje, enfim, só se vive na Morte! E, foi exactamente d'este modo, quasi n'um ai ephemero, que o dr. Jacintho Parreira Lança, caracter de sublime tempera, impolluto e lidimo, se partiu, imprevistamente, para esse *au de là* sombrio, de que jamais se volta.

Como, porém, o seu coração foi cheio de affectos, como um roseiral em flôres, e a sua existencia se repartiu em beneficios sem conta, como a de quem só no Bem pensava, a memoria que d'elle ficou, devendo servir de exemplo e de incentivo a quantos saudosamente a recordem, ha de viver imperecivelmente no coração de todos que o estimaram e conheceram, como se guarda e se conserva n'um relicario d'ouro, inestimavelmente, a effigie em marfim da santa querida de nossas preces.

Lisboa, abril.

LUIZ VIANNA.

DOTADO de um espirito superior e d'um talento a toda a prova foi o ex^{mo} dr. Jacintho Parreira Lança, não um homem vulgar mas um d'aquelles poucos que bem sabem comprehender a missão que Deus na terra lhe destina.

Como medico elle se soube distinguir, merecendo justamente os fôros de clinico afamado. D'uma caridade perfeitamente evange-

lica, não raro elle dispensava a retribuição de serviços prestados aos enfermos que com elle tinham a dita de tratar-se. Bem sabia elle que a satisfação de consciã consequencias d'uma acção generosa é retribuição de maior valia.

Como jornalista foi, não um escriptor vulgar, mas um critico de largas vistas, estudando as questões e criticando-as com alto e justo criterio, não sendo menos digna de admiração a facilidade com que, de improviso, revestia seus altos conceitos d'uma linguagem correcta e primorosamente rendilhada. E que isto é assim bem o confirma o testemunho insuspeito dos seus adversarios.

Como homem particular, a lhaneza e finura do seu trato, a sua conversação sempre agradável, que, não só cheia de erudição e muito proveitosa, fazia que todos o admirassem e lhe rendessem merecida consideração.

Para as creancinhas era elle d'uma affabilidade extrema, acariciando-as todas sem excepção, o que significativamente provaram as lagrimas de muitas por occasião do seu imponentissimo funeral, e a dedicatória de uma corôa offerecida por tres innocentes creancinhas que o intitulam — «Amigo das creanças.»

E um homem assim, e um homem que reúne em tão alto grau tantas virtudes moraes e civicas, tem de certo, ninguem o pôde contestar, juz ao nosso reconhecimento, á nossa veneração. E' pois movido por este sentimento, e apesar de reconhecer a insufficiencia dos meus dotes litterarios, que, de mistura com illustres personagens de reconhecido merito na republica das letras, faço corô, associando-me ás justas homenagens e merecido preito que ora se rende á virtude e ao talento do nosso amigo e chorado finado — «o amigo das creanças» — o benemerito dr. Jacintho Parreira Lança.

Loulé.

PADRE EVARISTO R. GUERREIRO.

O soldado que cabe, no campo de batalha, varado pela bala do inimigo, morre no seu posto. Mas não succede o mesmo ao cidadão prestante a quem a morte cruel fulmina, em pleno vigor. Esse, ao contrario, é violentamente arrancado ao seu posto de honra, e deixa na sociedade um logar vasio. Por isso nos commoveu e impressionou profundamente a ausencia forçada do illustre director do *Louletano* que uma mão sacrilega e impiedosa acaba de arrebatara á admiração dos seus conterraneos e ao doce carinho da sua familia enlutada.

Lisboa, abril 95.

MAGALHÃES LIMA.

A meio caminho da estrada da vida foi assaltado e derrubado pela morte cega; descubramo-nos, reverentes, que é um valoroso combatente que cabe, uma esplendente estrellada da sciencia e da litteratura que se apaga, o espirito de um, que soube assignalar a sua curta perigrinação pela vida por numerosos amigos e admiradores, que se evola. Era uma realidade e uma esperanza. A sua intelligencia tinha desabrochado completamente e acabava de entrar n'uma phase illuminante de brilhantismo.

Morreu, mas morreu uma só vez: é que a muitos a morte moral antecede a morte phisica. Jacintho Parreira Lança só combateu e só foi vencido por este ultimo gladiador.

Tinha inimigos: n'este revoltoso *mare magnum* de paixões quem os não tem? A's vezes inimizadas traduzem valor. Ao inimigo, que o vê fazendo, cumpre ensarilhar as armas e prestar reverencia á memoria de um dos mais esforçados caudillos da imprensa algarvia, e que por isso deixa uma vaga que difficilmente será preenchida.

Os seus escriptos retratam-no, dotado de uma fina inspiração de artista superior e de notavel agudeza de engenho. A par de litterato eminente era medico abalizado, que sabia fazer-se coroar pela preexcelso virtude da caridade.

A sua morte é pranteada pela sua familia, que o estremeceia, pelos seus numerosos amigos e admiradores, pela sciencia e pela litteratura.

D'aqui envio esta folha de saudade, tributo de respeitosa admiração, para ser lançada sobre a fria campã que hoje cobre o seu corpo inanimado.

Silves, 10—4—95.

Pedro Julice.

Uma carta

ENDO participado a morte do nosso querido director a todas as pessoas das suas relações, pedindo-lhes ao mesmo tempo a sua colaboração para o numero do *Louletano*, em homenagem á sua memoria, recebemos da ex.^{ma} escriptora sr.^a D. Claudia Campos uma carta, que não é de excusa, mas que nos apresenta a impossibilidade absoluta de satisfazer o nosso pedido com a urgencia de que se carecia.

Entretanto, e com a devida venia, extraímos d'essa carta os seguintes periodos, referentes ao finado, e onde bem eloquentemente se definem as qualidades brillantes que concorriam na pessoa do nosso mallogrado amigo.

Lamento sinceramente a prematura morte do dr. Lança, a quem conhecia muito de perto e de quem apreciava o caracter e a alta e bem cultivada intelligencia. Quantas vezes, cheio de paciencia perante a minha nervosa curiosidade elle me fez longas dissertações de psychologia, um dos ramos da sciencia que sempre mais me interessou, e quantas vezes—com pontos de vista um pouco diversos, é certo—nós discutimos auctores conhecidos, romances, theorias estheticas! Lembro-me ainda como elle era apologista do louco ideal de Flaubert: a impessoalidade na arte. O dr. Lança reunia—o que é rarissimo em medicos da provincia—uma solida instrucção scientifica vastos conhecimentos litterarios, não o encontrando eu nunca alheio ás mais modernas manifestações da arte. E se, como homem, pela sua variada cultura intellectual e pelos seus dotes moraes valia muito, embora certas complexidades e antinomias que lhe eram peculiares o fizessem por vezes ser com menos sympathia apreciado de aquelles que, por falta de talento observador, por apparencias só julgam, e por apparencias, sempre falsas, formam errados criterios, como medico o dr. Lança não tinha menor valor, e eu, que tive en-sejo de vel-o á cabeceira de doentes que me eram queridos sei, e lembro, gratissima, a sollicitude, o carinho, as attenções prodigalisadas.

Lisboa, 9-4-95.

CLAUDIA DE CAMPOS.

Dr. Lança

REPOUSA, enfim, na sua ultima morada, onde o acompanharam as lagrimas dos seus innumerados amigos, aquelle que na vida se chamou Jacintho Parreira Lança.

Foi com indifinivel tristeza e com pungente melancolia que tão cedo se viu a morte na sua erimmosa cegueira abrir o sepulchro que havia de recolher os restos mortaes d'um medico distinctissimo e d'um jornalista eloquente, onde até á ultima hora se viu fulgurar a lucidez do seu grande espirito.

E' desnecessario, perfectamente inutil, rememorar a curta, mas sympathica vida do dr. Lança, porque ella bem intensa e expressiva deve estar na memoria de todos que o conheciam e apreciavam.

Envolvido na mais accintosa guerra politica, nunca o seu prestigio se extinguiu, porque as suas forças foram sempre superiores á lucta. Ello só sentia desprezo por essa horda de adversarios, porque bem lhes conhecia a sua inutilidade.

Ah! mas estas não são as palavras que devem traduzir os meus pensamentos porque o tristissimo dever que hoje gostosamente cumprio, é deixar aqui, conjunctamente com o ultimo adeus, a mais indelevel prova de gratidão que sempre devi ao illustre extinto.

Paz á sua alma.

Loulé, 11-4-95.

P. Teixeira.

SAUDADE

TUDO quanto de mais sublime se possa escrever sobre a memoria do dr. Jacintho Parreira Lança, tudo será pouco para enaltecer as superiores virtudes do seu coração bondoso e da sua alma generosa e grande.

Quem como eu conheceu bem de perto as nobres qualidades de caracter que ornavam aquelle, cujo passamento todó hoje deploramos, sente, como eu sinto, o coração dilacerar-se na extrema angustia d'uma cruciante dôr. Porque o dr. Lança que foi, como homem de sciencia, mais do que um medico distincto, porque foi um bom; foi também, como cidadão, mais do que um politico, por isso que, não conhecendo inimigos nem sabendo o que eram represalias, todos d'igual modo

estimava e bem queria, consistindo talvez n'isto o unico pensamento que o convenceu a militar activamente em um partido.

Vivendo como um bom, unanimemente querido, elle morreu como um crente, a quem os abyssos d'além tumulo não apavoram nem intimidam. Por isso a sua alma moldada nos mais exemplares e sagrados ideaes, hoje fulge e vive n'essa alta região que a fé nos mostra como consoladoramente destinada aquelles que, indistinctamente, só souberam praticar o bem.

Lisboa, 11-4-95.

João Antonio Silvestre.

Jacintho Parreira Lança

O dr. Jacintho Parreira Lança, filho de D. Marianna Perpetua Lança Faleiro e de Severino Antonio Guerreiro, nasceu na villa de Castro Verde aos trez dias do mez de julho do anno de 1857. Seus paes no intuito de lhe garantir de futuro uma posição mandaram-o estudar para Lisboa, onde concluiu os estudos preparatorios, entrando depois para a escola medico-cirurgica, cujo curso concluiu no anno de 1885, tendo contribuido muito para isso seu bom irmão e nosso amigo sr. dr. Antonio Guerreiro Faleiro, de quem o dr. Lança fallava sempre com respeito e gratidão e a quem tributava grande amizade.

Em outubro de 1885 foi para S. Thiago de Cacem, onde foi provido n'um dos partidos medicos, conservando-se ali até que veio para esta villa, em junho de 1890.

Aqui começou logo a grangear a sympathia de todos pelas excellentes qualidades que realçavam do seu caracter diamantino. Como medico o seu nome andava na bocca de toda a gente que não cessava de apregoar as maravilhosas curas por elle feitas.

Pela sua superior intelligencia conquistou logo um proeminente logar que o tornou mais tarde alvo das maiores infamias e calumnias por parte d'aquelles que durante longo tempo se aproveitaram dos seus muitos e relevantes serviços. Mas, ponhamos ponto n'esta ordem de considerações, sobre as quaes muito havia que dizer, por não ser agora occasião propria para ellas.

Foi em 1894 que se começou a accentuar o seu melindroso estado de saude, pronunciando-se com o caracter de maior gravidade de novembro a dezembro. Esperançado que os ares patrios lhe debellessem a doença, então já bastante adeantada, partiu para Castro Verde em 24 de dezembro d'esse anno. Parece que o proprio tempo se conspirava contra elle, porque foi n'essa occasião que fizeram uns intensissimos frios, que completamente o impossibilitaram de sair á rua e mais aggravaram o seu estado.

Em Castro conservou-se algum tempo junto da familia até que resolveu de novo procurar o clima mais temperado do Algarve, e foi para Faro, hospedar-se em casa do seu amigo dr. Virgilio, que repetidas vezes instára com elle para que fosse passar n'aquella terra uma temporada.

A chuva incessante que então caiu reteve-o em casa, onde, nas visitas que lhe fizemos, o vimos deitado naceama, lastimando sempre a crueza do tempo.

Em 18 de fevereiro do corrente anno regressou a Loulé e installou-se na sua nova residencia, onde nunca o desampararam os seus dedicados amigos que por elle professavam um culto especial, o que dimana e se funda na verdadeira e sincera amizade.

Dias depois, aproveitando a belleza d'um dia primaveral, deu um passeio e, então, em todos os seus amigos renasceu a esperanza do restabelecimento. Tão grande era o desejo que tinham de o ver bom!

Ephemera esperanza!

Poucos dias depois do seu regresso a esta terra, o dr. Lança começou a soffrer horriavelmente e a passar os dias preso ao leito. Luctou quanto pode, quanto humanamente era possivel luctar contra a força aniquiladora da terrivel molestia que o minava, mas esta ia-lhe dia a dia traçoicamente roubando as forças e, a breve trecho, a vontade de ferro do rogo querido amigo era impotente ante um mal que tudo abatia, que tudo avassalava.

Os amigos que até então o não desamparavam nunca, começaram n'esta altura a ser ainda mais assíduos, e desde as primeiras horas da manhã até adiantadas horas da noite, a romaria a casa de Lança era constante e esta dedicacão desvanecia sobremodo o doente, que frequentes vezes exclamava, emocionado:

—Com amigos assim, quasi chegi a ser bom o estar para morrer.

Entretanto o fim d'aquella vida preciosissima ia-se aproximando. E elle bem o sabia, posto que nunca a serenidade que manteve se alterasse por um momento para deixar antever que n'aquella organisação tão forte entrava, uma vez sequer, um principio de desanimo.

Salvo curtissimas intermitencias de desvario produzido pela febre que lentamente o consumia, o dr. Lança conservou até ao ultimo momento a mais completa lucidez d'espirito, fallando e reconhecendo os amigos, de alguns dos quaes se despediu, ao mesmo tempo que o fazia de sua contristadissima irmã, D. Maria Augusta.

Chamou também para junto de si o fillinho, a quem dois dias antes havia reconhecido em testamento, e, affagando-lhe a pequenina cabeça, beijou-o enternecedoramente.

Poucos momentos se passam e esses são já de absoluta abstracção para aquelle grande espirito. Olha em redor, aperta as mãos d'alguns presentes, encara um Christo que lhe havia sido exposto n'uma mesa fronteira, e, sendo-lhe n'esta occasião apresentada a Santa Unção, balbucia as palavras ai! Jesus! e... deixou de existir.

Eram 8 horas da manhã do dia 4 d'abril.

Oh! como o nosso coração se despedaçou de dôr ao relembrar tão cruciantissimo espectáculo, e como aquelle dia será eternamente para nós das mais dolorosas recordações.

Durante este dia foi o cadaver velado por grande numero de amigos que junto d'elle se conservaram até pelas 3 horas da madrugada seguinte, hora a que foi transportado para a egreja de S. Sebastião, onde ficou depositado. De sua casa para a egreja foi o feretro conduzido á mão e acompanhado também pelo digno prior da freguezia, o reverendo Dominges Antonio Gomes de Miranda, que também se conservou em casa do finado desde as 10 horas da noite.

No dia immediato foi resado

officio e missa

de corpo presente pelos reverendos padres Miranda, Alexandre João do Nascimento, Joaquim Xavier Marreiros e Evaristo do Rozario Guerreiro.

Seguiu-se o *Libera-mé*, com musica, onde o rev. padre Alexandre, a mais deliciosa voz da nossa provincia, cantou um solo impregnado de sentimento tal que a todos emocionou.

Todos estes actos religiosos se praticaram no meio da maior assistencia, sem que essa circumstancia alterasse o recolhido silencio e profundo acatamento não sempre notados em occasiões analogas. E' que d'esta vez a dôr era intensa e geralmente sentida, é que estando ali o medico illustre e sabio, o homem generoso e digno e o amigo sincero e prestante, poucos eram, talvez, os que ali se achavam, que o não estivessem no cumprimento d'um dever, que, infelizmente, não sempre é comprehendido de todos os corações,—a gratidão.

O enterro

Pouco depois dava-se ordem á saida do prestito que se poz em marcha pelo meio dia. Não se descreve a concorrência, diz-se só que nunca em Loulé se observou outro que de longe se lhe comparasse, quer em luzimento como em consternação.

Os que choravam contavam-se pelos que ali haviam concorrido. A urna funeraria que continha o feretro ia coberto pelas seguintes

Coroas

Uma de jasmims, botões de rosas chá, em biscuit, com fitas de *moiré* roxas franjadas d'ouro—Ao nosso querido irmão—Loulé 4 de abril de 1895.

Outra de lirios roxos, saudades e flores de lilaz e folhas de Parma com fitas de *moiré* de seda preta e roxa—Ao seu bom amigo e insigne medico dr. Jacintho Parreira Lança—A familia Corrêa.

Outra de lilases, violetas e amôres perfectos, fitas preta e roxa—Ao seu redactor principal dr. Jacintho Parreira Lança—A redacção, administração e typographos do *Louletano*.

Outra de flores de acacia e violetas, com crepe e fitas azul e branca—Ao seu intimo amigo dr. Jacintho Parreira Lança—Infinita saudade—Manuel Mexia de Mattos e esposa.

Outra de amôres perfectos, em biscuit com fitas de setim preto franjadas d'ouro—Ao seu intimo amigo e insigne medico dr. Jacintho Parreira Lança—Offerce Sebastião Martins Peres Gomes e seus filhos.

Outra de lirios roxos, lilases, jasmims, violetas e folhas d'hera, com fitas de *moiré* roxas—Ao nosso saudoso amigo—Ricardo Villa, Rosa Corrêa Villa e familia.

Outra de lilases, violetas e rosas chá com

fitas roxas—Ao seu amigo dr. Jacintho Parreira Lança—Joaquim Henriques.

Outra de rosas chá com fitas de *moiré* brancas—Ao amigo das creancinhas e nossa bom medico dr. Jacintho Parreira Lança—Antonio Corrêa de Mattos, Maria das Dores Corrêa de Mattos e Manoela Corrêa de Mattos.

Outra de rosas de paixão, myosotis, em biscuit, com fitas de seda roxas franjadas de ouro—*Sociedade Philharmonica Artistas de Menerva*—5—4—95.

Um ramo de rosas chá.—A memoria do extinto dr. Lança.—5—4—95. Tributo de gratidão.—Arthur Leal de Castro.

As borlas do caixão foram até á sepultura conduzidas pelos amigos que sempre de cabeça descoberta, se dividiram em seis

Turnos

1.º turno—Francisco Candido de Souza Barros, Jacintho Honorio José de Moura, João José de Barros Aragão, José Faisca, José de Souza Faisca e Luiz d'Albuquerque Rebello.

2.º—Antonio Caetano de Souza Campina, Antonio Faisca Teixeira, Antonio Nunes Teixeira, José Viegas Martins, Manuel Romão Coelho e Sebastião Corpas.

3.º—Bartholomeu Rodrigues, Emygdio R. Aboim, João Abel Teixeira, José Vaz de Mascarenhas, Manuel Vaz de Mascarenhas e Sebastião Barbosa Martins.

4.º—Os collegas do finado drs. Beichler Maria Fructuoso da Silva, Candido Augusto Xavier Marreiros, José Bento de Barahona Fragoso e Silvestre Falcão de Souza.

5.º—Antonio Martins Peres Gomes, Francisco Domingues Barbosa, Joaquim do Nascimento Ramos, Ricardo Villa, Sebastião D. de Azevedo Lobo e Thomaz Joaquim Rua.

6.º—Bento Martins Peres Gomes, José Brandeiro, José Joaquim Rocha Junior, Pablo Garcia Delgado, Sebastião Corrêa e Sebastião Martins Peres Gomes.

A chave foi entregue ao nosso collega sr. dr. Manuel Mexia de Mattos

Chegado o prestito ao cemiterio, onde difficilmente se conseguiu penetrar em razão da accumulacão de povo, foi deposto o caixão sobre a bancada e ali feita a encommendação final, tomando em seguida a palavra o nosso querido amigo padre Alexandre João do Nascimento que proferiu, commovido, o seguinte

Discurso

MEUS SENHORES:—Eis como de repente desapareceram tres entidades, que se encerravam n'um só homem! Um medico distincto, um jornalista dos primeiros, um amigo dos mais sinceros e leaes.

Eis o que vae esconder-se para sempre no frio pó d'aquelle sepulchro! O cadaver d'um homem que foi um cedro no campo da sciencia medica: um espirito illustrado, que podia derramar luz nos grandes problemas que ainda ha a resolver para prolongar a vida da humanidade; um coração que abrigava os sentimentos nobres da honra e da dignidade, que tinha a consciencia dos deveres da sua profissão, que sabia exercer a sublime virtude da caridade, soccorrendo o pobre com as consolacões da sua palavra e com o obolo da sua esmola. Um jornalista gigante nas luctas mais encarnicadas da imprensa. Um amigo sincero e leal, que sabia abrir o seu coração aos que se lhe mostravam leaes e sinceros.

A ti pois, meu amigo, venho eu n'este momento, com teus amigos, prestar a derradeira homenagem, que te é devida, como medico distincto, como jornalista notavel, como amigo dos mais sinceros e leaes.

Que Deus te dê no cu a recompensa que mereces pelo muito que te sacrificaste pela saude d'este povo, pelos grandissimos desgostos, que te trouxeram as luctas politicas d'esta terra, e pelo amor que dedicaste aos teus amigos.

Descansa em paz.

Notas varias

Todo o commercio d'esta villa cerrou as suas portas durante as horas que decorreram desde os officios até o cadaver ser dado á sepultura.

—O *Gremio Louletano* conservou-se fechado durante tres dias.

—A marcha fúnebre tocada no couce do prestito pela philharmonica que o acompanhou, foi pelo seu regente, o sr. Antonio Jacintho de Castro, expressamente composta para este fim. Depois de executada foi a partitura e partes encerradas no caixão.

—Suffragando a alma do nosso saudoso amigo, foi na ultima quarta-feira rezada uma missa pelo digno e rev. prior de S. Sebastião, a que assistiu grande numero de amigos do dr. Lança.

DESCANÇA em paz, meu querido amigo e que os sofrimentos cruez por que passaste neste mundo te sejam compensados nas regiões para onde se evolou teu espirito, porque na tua vida foste um exemplar de bondade, deixando em todos os que conheciam os teus sentimentos de lealdade, uma eterna recordação.

Paz á tua alma.

Loulé, abril de 95.

Sebastião Martins Peres Gomes.

Falleceu no dia 4 do corrente o meu bom amigo dr. Jacintho Parreira Lança. Ainda me parece um sonho! mas é, infelizmente, uma realidade! Daria tudo que pudesse para n'este momento poder descrever o que sinto n'alma, mas a fraqueza da minha intelligencia oppõe-se a isso.

Difícil é encontrar-se um amigo tão leal, tão dedicado e tão digno como elle era! Character da mais fina tempera, intelligencia pouca vulgar, coração extremoso e de uma infinita bondade! acudindo e protegendo sempre ao pobre e defendendo com magna energia todos aquelles que almas viperinas tentaram ferir.

Quantos, pela sua vasta sciencia, lhe não devem a vida!? A quantos paes não deu elle indisciplinavel alegria entregando-lhes os filhinhos restabelecidos, que já suppunham perdidos para sempre?!

Quantas vezes eu o via triste e lhe perguntava:

—Doutor, o que tem hoje? ao que elle unicamente respondia:

—O pequento de F. está tão doentinho!

E parece que as proprias creancinhas lhe liam nos olhos o que n'aquella grande alma se passava, porque tanta veneração lhe tribulavam e tanto lhe queriam!

Quando o meu bom amigo dr. Lança estava completamente satisfeito e se sentia feliz, era quando tinha á roda de si, creanças com quem se entretivesse, esses pequeninos seres que são os idolos dos paes e o encanto de aquelles que como o dr. Lança tanto os sabia comprehender e apreciar. Por isso no seu leito da morte e no catafalco lhe foram prestar homenagem, despedindo-se do seu amigozinho (como as creancinhas lhe chamavam) e cobrindo de flores que elle tanto apreciava; assim como lh'a foram prestar, com o coração trespassado de dor, todos aquelles que tanto o estimavam e tanta sincera amizade lhe deviam.

Descança, pois, em paz infeliz e bom amigo e cre que, enquanto existir, prestará sempre o devido culto á tua memoria, o que jamais se pôde esquecer de tanta amizade que te dedicava e que tu com tanta generosidade sabias retribuir.

José Joaquim Rocha Junior.

4 de abril de 1894—4 de abril de 1895

As duas datas para mim e para quasi todo um concelho, tristemente memoraveis.

Em 4 de abril de 94, falleceu Alexandre João do Nascimento, um bom amigo, um velho venerando que, apesar da sua avançada idade, 88 annos, tantas eram as suas virtudes que a noticia da sua morte foi um choque terrivel que atravessou o coração de quantos o conheciam e que tantos eram tambem os que d'elle tinham recebido beneficios e favores.

Morreu pobre; poderia, pelo menos, morrer remediado.

Não admira. E' que a grandeza da sua philantropia equalava a grandeza das suas virtudes.

Estamos em 4 de abril de 95. Commemorando a morte d'um Justo offerece-se-nos o tristissimo ensejo de lamentar a morte d'um Bom.

Morreu o dr. Jacintho Parreira Lança. 37 annos de idade apenas, servidos por um lucido talento, um coração d'ouro, um caracter nobilissimo, um modelo de honradez.

A sua morte não podia, pois, deixar de ser como foi extraordinariamente sentida, por quanto, tratando-se do medico illustre e do homem bom, raros eram os que por esta forma lhe não deviam obsequios e gratidão.

Medico distincto, posso dizel-o com a grata convicção de que affirmo uma verdade, pois quando para isto não bastasse o quasi

milagre por elle operado na doença grave de um filho meu, bastaria a opinião insuspeitissima de muitos collegas seus sempre unanimes em repantar o malgrado dr. Lança como clinico verdadeiramente superior.

Como pae extremo que sou, e como amigo dedicado que sei ser, penoso me seria que, quando se trata de render uma justa homenagem á mais bella individualidade, eu não viesse incorporar-me no numero dos agradecidos, e, como tal, prestar o preito devido ao medico que me deu a vida d'um filho e ao homem com cuja amizade me honrei.

Duplo portanto é o motivo porque eu, em tudo humilde, não recuei ante a idéa de publicamente, e ao lado mesmo dos que melhor o sabem fazer, vir confessar que a morte do dr. Lança foi para mim, senão para todos, uma perda irreparavel, porque n'esta epocha em que o dever dorme, as consciencias se prostituem e as intelligencias se mercadejam, são tão raros os homens como o dr. Lança, que Loulé, a minha terra, perdendo este, difficil, senão impossivel, lhe será encontrar outro em quem tantas e tão preciosas qualidades concorram.

Que descance em paz um tão bom amigo e um tão prestante cidadão.

Loulé.

JOAQUIM DO NASCIMENTO RAMOS.

DR. LANÇA

NÃO poderia, por forma alguma, sem com isso commetter um crime de lesa-gratidão, n'este momento tão solemne em que de todos os peitos dos nossos conterraneos sae um justificado grito de dor pela irreparavel perda d'esse vulto da sciencia medica, occultar-me em silencio e não vir a publico manifestar a grande dor que me vae n'alma e patelar, ainda que em phrase humilde, que a mais não chegam os meus minguados recursos de pouco mais que analphabeto, o testemunho da minha immensa gratidão pelas successivas finezas de intima amizade que sempre e em todas as occasiões me dispensou aquelle tão querido amigo.

Não venho a este logar prestar preito ao grande politico, que sempre o soube ser, mas sim ao cidadão digno e honesto, ao medico solícito e distincto em quem, como tal, realçavam as mais brilhantes qualidades humanitarias. A qualquer hora avançada da noite que se batesse á porta do dr. Lança em demanda do seu auxilio para o enfermo afflicto, sem distincção de classe social, era sempre com a maior solícitude que elle corria a mitigar os sofrimentos do paciente que reclamava a sua presença.

Fazia-o sempre e a todos, e não poucas vezes o praticou para com pessoas de minha familia, levando a tal extremo o seu desvelo, que chegando á cabeceira do enfermo ás 2 horas da noite, só de ali se levantava ás 5, pois que as tres horas que medeavam, havia-as elle empregado na analyse minuciosa da enfermidade, para assim mais facilmente poder combatel-a, salvando o enfermo quasi agonizante e restituindo a alegria á consternada familia.

Por tudo quanto deixo exposto está bem justificado o motivo de tantas lagrimas que o povo d'esta villa derramou pelo seu prematuro passamento, vendo-se em todas as pessoas que assistiram nos seus funeraes os olhos marejados de lagrimas e frequente era ouvirem-se os soluços abafados dos que se sentiam opprimidos pela dor, porque o dr. Lança tinha numerosos amigos, verdadeiramente dedicados. Para mim a lembrança de tão nobre e dedicado amigo será sempre respeitosamente guardada.

Termino desejando para este a paz devida aos bons e enviando a toda a familia de tão valioso amigo a sincera expressão do meu profundo pesar.

Loulé, 1895.

BENTO M. P. GOMES.

Morreu. Desappareceu já para sempre este que foi medico distinctissimo entre os distinctos, amigo leal e dedicado até ao sacrificio e um caracter de honradez requintada.

Aos seus parentes e amigos que eram inumeros, este prematuro acontecimento, os veio mergulhar na mais cruel e desesperada dor.

Sim! porque todos os que o conheciam admiravam o brilliantismo do seu talento, as poderosas faculdades do seu espirito su-

perior e a sua vasta sciencia, reconhecida até pelos seus inimigos que, como politico e chefe de partido, os tinha!

E como é desolador que um homem d'este cunho e de quem a humanidade tanto tinha a esperar succumba impotente aos 37 annos, ao golpe implacavel da fatal doença que o attingiu!

Custa conformar-me com a idéa de tão tristissima realidade!

Mas, não! se morreste para o nosso convivio, e para em horas de afflicção nos acudires com a tua prompta, desinteressada, poderosa e efficaz clinica, has de permanecer sempre na memoria dos que, como eu, tanta amizade, tanta dedicacão e tantos serviços te devem.

Descança em paz e aceita, meu desditoso e inolvidavel amigo, o meu ultimo adeus trespassado de infinita saudade.

Loulé, abril 1895.

RICARDO VILLA.

FALTA-ME em letras e em intelligencia o que me sobeja em coração.

Se para ventura minha, pelo menos n'este momento, aquellas duas faculdades se podessem egualar, eu saberia então prestar-te uma homenagem digna de ti e á altura da minha dor, que é intensissima.

Loulé, abril de 1895.

Antonio Martins.

COM os olhos marejados de lagrimas e o coração sensivelmente commovido, venho tambem prestar a minha humilde homenagem á inolvidavel memoria do illustre extinto dr. Jacintho Parreira Lança.

Medico insigne, jornalista distincto, amigo dedicadissimo, o teu prematuro passamento foi-me tão profundamente doloroso que não posso nem sei exprimir cabalmente a grandeza da minha dor.

Escrevo estas linhas como tributo de admiracão e respeito que sempre me impozeram o teu fulgente talento e o teu impolluto caracter.

Descança em paz, infeliz amigo, e sobre a tua respeitavel campa irá desfolhar a saudade que te consagra o teu sincero amigo

Sebastião Corrêa.

Loulé, 1895.

Morreu o dr. Lança!...

COMO me invade o desalento!!.. Como as forças me traem ao pensar na penna! Como se me torna cruel e penoso ter de escrever — *Morreu o dr. Lança!...* — Como me custa conformar com tão grande infortunio!!

Que quadro desolador aquella morte veio desenhar em todo um concelho, cravando em todos os corações o agudo espinho da dor e fazendo de todos os olhos uma fonte perenne de lagrimas!...

Que grande metamorphose se operou até nos seus inimigos politicos, que não poderam occultar a magua de que se achavam possuidos!!...

O que motivaria todo este estado de coisas?!

E' bem facil a resposta.

E' porque se extinguiu uma fonte de sciencia. E' porque se apagou um facho de luz tão brilhante, que illuminava aquelles que fingiam fugir para a sombra. E' porque se foi occultar para sempre um amigo insubstituivel!!...

Como o remorso deve pungir os seus detractores, como se devem sentir pezarosos de terem contribuido tão poderosamente para o desaparecimento d'aquella importante homem de sciencia, não perdendo occasião de cuspir o sarcasmo na face do martyr.

O dr. Lança ria-se das continuas diatribes que contra elle eram expellidas, apparentando tranquillidade que não podia ter, fingindo não ligar importancia a tantas e tão grandes injurias, mas necessariamente havia sentir no intimo o peso de tanta iniquidade!

Tudo isto dá logar a uma pergunta: Pois um homem tão bom tinha inimigos?!

Pois não os tinha o Nazareno, o martyr do Golgotha, o symbolo da bondade!!

Os inimigos do dr. Lança são aquelles que lhe construíram o altar da sua gloria, são os que lhe fizeram mostrar em toda a sua plenitude a grande alma de que era dotado, são os que muito inconscientemente fizeram nas-

cer em todos os peitos a grande sympathia de que era alvo em todo o concelho; são, finalmente, aquelles que conseguiram minar a preciosa existencia, que conseguiram apressar-lhe o passo para a sepultura; mas que não conseguiram baixal-o até o seu nivel, como não conseguirão riscal-o da memoria de tão dedicados amigos que deixa sobre a terra!!...

Quanto mais pretendiam amesquinhal-o, carregando-o de impropérios, tanto mais se salientava a nobreza do seu immaculado caracter, desprezando com altiva dignidade infamias e infamadores!!...

E' que o corpo que ostentava aquella cara sombria e triste, encerrava em si uma alma nobilissima e um coração superlativamente magnanimo!!...

Nunca as rudes palavras saídas dos bicos da minha humilde penna pôdem envolver a louca pretensão de enaltecer as virtudes de aquelle grande vulto, como a uma penna illustrada seria ocioso fazel-o, desde que elle se encarregou d'isso na pratica d'uma vida toda de actos irreprehensíveis.

O meu fim unico é prestar uma pobre mas sincera homenagem á memoria d'aquelle que foi meu chefe e meu verdadeiro amigo.

Para o illustre extinto uma lagrima de eterna saudade e para toda a sua ex.^{ma} familia a sincera expressão da minha profunda magua.

Loulé, 11 de abril de 1895.

Antonio Candido Vieira.

A' memoria do illustre medico Jacintho Parreira Lança

Ah! o tumulo... o tumulo... não saem do seu seio pacifico senão ternas saudades e doces recordações.

(George Washington.)

NA aurora da existencia, quando o amor sincero e puro da familia te animava e acalentava a vida, quando o convivio d'amigos sinceros e dedicados te distrahia e comprazia o coração,—succumbiste lutador!!...

Succumbiste, porque a parca cruel e devastadora veio, ingrata, ceifar a tua preciosa e desejada existencia.

A morte desapiedada e sangrenta que não atende a rogos, a lagrimas e a supplicas de ninguém, veio occultar-te d'este mundo d'enganos, d'odios e calumnias, para te transportar na mansão celestial e te submeter aos impenetraveis juizos do altissimo.

* * *
«A morte, porem, não mata; a morte anniquilla; é um renascimento á outra vida, parece uma decomposição, porque nunca brota a haste sem se decompôr a semente, nem o fructo sem se seccar a flôr, nem uma nova forma sem se apagarem as formas antigas no crescimento e progresso de todos os seres. Se não houvesse a morte, não havia renovação, a natureza seria um lago immovel e miasmatico, a humanidade uma velha impotente e preocupada.

O sepulchro é um berço.
E enquanto houver dor e morte haverá religião; o raciocinio ficará immovel ás portas do sepulchro, e ahí abrirá suas azas luminosas a fé.

Se tirassemos a morte, talvez, talvez podessemos supprimir a fé. Ao tirarmos a morte, porem, converter-nos-iamos n'um mundo vicioso e corrupto.

Se tirarmos do rosto do obreiro o suor; das grandes causas o martyrio; do amor a tristeza; da vida essa corça de cypristes que se chama morte, não haveria fé e muito menos virtude, esperança, poesia, belleza, moral, moral, no mundo; porque tudo o que é grande nasce da dor e cresce no succo das lagrimas.»

* * *
Jacintho Parreira Lança era um caracter franco e sincero; uma alma generosa e um coração benfazejo.

Como politico sustentou sempre as suas idéas que eram progressistas, fundando um jornal onde combateu energeticamente os seus adversarios, e onde advogou sempre os interesses d'esta provincia esforcando-se para o seu engrandecimento e progresso.

Com o medico foi muito considerado, pelo que recebeu, por diferentes vezes, sinceros elogios e agradecimentos de pessoas que tratava.

Como cidadão particular, era respeitador, politico e affavel para todos.

* * *
Sentindo immenso a falta do illustre director do Louletano, de quem me confesso summamente grato, pela attenção e prompto acolhimento que se dignou dar aos simples artigos que tenho enviado para essa redacção,—não posso portanto ficar silencioso; enviando os meus profundos sentimentos a sua illustre familia e igualmente á digna redacção do Louletano, exprimindo por este meio o meu eterno reconhecimento.

E. E. de S. R.